

# **“Eles sofrem tanto preconceito...”: a (trans)formação de professores de Ciências e uma análise sobre o tema sexualidades**

## **“They suffer much prejudice...”: the (trans)formation of Science teachers and na analysis about the theme sexualities**

**Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira**

Universidade Federal de Uberlândia  
robertodalmo7@gmail.com

**Elenita Pinheiro de Queiroz Silva**

Universidade Federal de Uberlândia  
elenita@ufu.br

**Glória Regina Pessoa Campello Queiroz**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
gloriapcq@gmail.com

### **Resumo**

O presente trabalho constituiu-se como um recorte de uma tese que buscou implementar, em uma universidade pública do país, uma formação de professores(as) de ciências baseada em princípios da Educação em Direitos Humanos (EDH); na relação educação científica e EDH; implementação de projetos sobre temas relacionados à cultura dos Direitos Humanos – durante a qual foram sorteados diversos temas para a elaboração de trabalhos em grupo. Entre os temas sorteados estava o tópico “Sexualidades e LGBT-fobias”. Partindo da indagação “os futuros professores de Ciências, ao participarem de uma disciplina elaborada a partir da perspectiva de Educação em Direitos Humanos, apresentaram em seus discursos elementos que indicam sua formação como Agentes Socioculturais Políticos?” nosso trabalho versará sobre aspectos relacionados aos discursos sobre Sexualidades. Foi possível perceber o cenário complexo de formação para o tema e a possibilidade de transformações na forma de se interpretar o mundo.

**Palavras chave:** formação de professores, sexualidades, direitos humanos

### **Abstract**

The present paper is extracted from a doctoral thesis which aimed to implement, in a Brazilian public university, a science teacher training course based on Human Rights Education (HRE) principles and on the relationship between science education and HRE. During the implementation of the projects related to Human Rights culture, it was sorted many themes to guide the work of the groups. Among the themes, there was one related to sexualities and LGBT-fobias, which results will be addressed in this paper. Drawing from the question “do the future science teachers, while taking part in a course elaborated according HRE perspective, present in their discourses elements that indicate their formation as sociocultural political

agents?”, we will analyze aspects on their discourses related to sexualities. Some findings of the research points out the complex scenarios of teacher training about this theme and some possibilities of transformations in the way one can make sense of the world.

**Key words:** teacher training, sexualities, human rights

## **Formar professores(as) como Agentes Socioculturais e Políticos (ASCP)**

O modelo de formação de professores apresentado por Candau et. al. (2013) parte da necessidade de formar professores conscientes e engajados nas questões dos Direitos Humanos. Os autores afirmam que o modelo ASCP é permeado por três elementos: o primeiro, Cultura e empoderamento, busca estimular nos professores a construção de um olhar que permita se indignar com as violações cotidianas, levando-os a uma atitude de enfrentamento; o segundo elemento do modelo seria a formação de Sujeitos de Direito, o que implicaria em quatro movimentos: i) Saber/conhecer os direitos; ii) desenvolver uma autoestima positiva; iii) desenvolver uma capacidade argumentativa; iv) promover uma cidadania ativa e participante. Por fim, a Construção da democracia e diálogo é o terceiro elemento do modelo.

Os autores ressaltam que para o fortalecimento da democracia torna-se fundamental pensarmos a Educação em Direitos Humanos como um “exercício da capacidade de indignação articulado ao direito à esperança e admiração da/pela vida, a partir do princípio de equidade que nasce da articulação dos princípios de igualdade e diferença” (Candau et. al., 2013, p. 47). Um caminho para o estímulo da indignação seria a afirmação do “nunca mais”, um princípio de recuperação histórica da memória e do esquecimento das violações de Direitos Humanos com a esperança de que elas não voltem a ocorrer. Entretanto, devido às configurações identitárias dos licenciandos não é possível compreender que a formação de Agentes Socioculturais e Políticos será dada de maneira homogênea, mas sim fragmentada, de acordo com a adesão e resistência aos diversos tópicos que perpassam a cultura dos Direitos Humanos. Nesse texto buscaremos analisar os discursos que se referem às sexualidades que permearam o curso implementado.

Weeks (2007) compreende as sexualidades como um fenômeno histórico e social. O autor afirma a existência de uma assimetria de poder entre indivíduos de acordo com sua sexualidade, levando assim nossa cultura a conceder privilégios à heterossexualidade, ao mesmo tempo que marginaliza a homossexualidade através de mecanismos de controle complexos e superpostos como classe social, gênero e raça. A homossexualidade, ao invés de ser considerada uma “variante benigna da normalidade” foi construída como uma descrição médico-moral, enquanto a heterossexualidade tornou-se a norma. Se há o considerado normal, tudo que está fora dessa normalidade é considerado anormal. Essa cadeia de representações é constantemente reforçada nas escolas e fora delas, como enfatizam diferentes autores (JUNQUEIRA, 2007; 2016; FERRARI, 2014; GIORDANI, SEFFNER, DELL’ AGLIO, 2017; BORRILLO, 2014).

Em uma cultura que reforça a homofobia, formar num viés anti-LGBTfóbico torna-se uma ação política. Entretanto Bonfim (2009) nos diz que disciplinas pedagógicas oferecidas aos cursos de licenciatura pelas Faculdades de Educação, desvinculadas dos conteúdos disciplinares específicos das áreas em que os futuros professores atuarão, não são suficientes. Com o intuito de fortalecer essas discussões, optamos então pela construção de uma disciplina, descrita na próxima seção, para a formação de professores de Química e Biologia.

## **A trilha metodológica**

Nossa proposta consistiu em uma disciplina com caráter híbrido, que buscasse trabalhar aspectos da cultura dos direitos humanos aplicada a questões relevantes para a educação científica. Assim, nosso trabalho constitui-se numa pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) que pode ser lida em (OLIVEIRA;QUEIROZ, 2017). No contexto desse trabalho, apresentaremos os resultados de um fragmento de uma gama de dados que emergiram a partir desse processo. Sendo assim, é importante destacar que os dados foram coletados a partir de dois instrumentos distintos: a) Registro em áudio da implementação da disciplina no curso de Ciências da Natureza de uma universidade pública; b) Entrevistas semi-estruturadas (LANKSHEAR, KNOBEL, 2008) com parte dos alunos participantes - realizadas após o encerramento da disciplina. O registro de nossa ação foi feito pela gravação em áudio de todas as aulas sob consentimento de todos os estudantes, em projeto de tese de doutorado aprovado por comitê de ética. As entrevistas foram também gravadas em áudio e o material foi todo transcrito. Ao todo, participaram 16 estudantes, sendo que 9 entrevistas foram analisadas. Como referencial de análise de dados escolhemos a Análise Textual Discursiva (ATD). Apresentada por Moraes e Galiazzi (2011), Nosso episódio intitulado como “Sexualidades em debate”, foco deste trabalho, foi fragmentado e reorganizado em duas categorias e seis subcategorias. Nosso texto irá se basear na Categoria 1– Mundo Percebido; C11 – Antes da intervenção; C12 – Durante/após a intervenção.

### **Resultados: “coisa de preconceito... eles sofrem tanto preconceito...”**

Formar professores(as) que estejam aptos a compreender a realidade permeada por assimetrias de poder originárias por questões relativas às sexualidades (CANDAU et. al. (2013) está em consonância com Junqueira (2010), que nos mostra a existência de discursos de negação da existência de sexualidades não heteronormativas e uma recusa a direitos democráticos à sexualidade. Ao enfatizarmos a dimensão das sexualidades, consideramos que um agente sociocultural e político seria capaz de perceber como as sexualidades não heteronormativas são postas à margem da sociedade e, além disso, desenvolver uma atitude de empoderamento diante dos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais; estaria apto a desenvolver estratégias que enfatizassem os direitos desses grupos e promovessem a compreensão de que Lésbicas, Gays e Bissexuais são atores nas conquistas de seus direitos, além de saber incentivar uma busca pela recuperação da memória das violências sofridas por esses grupos com o intuito de que elas não voltem a ocorrer.

Assim, na Categoria 1 – O mundo percebido (C1) - emergiram as subcategorias C11 e C12 a partir de discursos sobre percepção dos conflitos e assimetrias de poder antes e após a disciplina sobre o tema sexualidades.

Na subcategoria C11 - Antes da intervenção – temos, como exemplos, as falas de Ana, Ângela, Rafaela, estudantes que já demonstravam previamente uma sensibilidade para a questão da sexualidade. Ana disse que percebia a omissão das pessoas quando via notícias de homossexuais espancados – pessoas diziam: “ainda bem que eu não sou”. Já Ângela destacou que percebeu em uma briga a existência de preconceito na fala em tom de xingamento: “seu viado, gayzinho”. Da mesma forma, na fala de Rafaela: “tinha um garoto com traços femininos, e era sempre chamado em termos como gay, viadinho”. Essas três falas demonstraram a compreensão das estudantes no que se refere a um discurso que reforça um estereótipo, ou que negativiza uma forma de ser.

Ângela e Rafaela foram entrevistadas posteriormente. Rafaela atribuiu a sua leitura de mundo à amizade com homossexuais após a entrada no ambiente universitário. Já Ângela se reconheceu como bissexual e relatou as violações sofridas em família – “Porque eu sou bissexual... meu pai não sabe pela minha boca... só que enfim... ele já desconfia desde sempre, [...] e de vez em quando com nossas conversas ele faz algumas piadinhas, [...] e fica tentando me atingir...” Além disso, a estudante atribuiu sua interpretação a palestras e conversas com amigos homossexuais, além de sua participação em coletivos LGBT.

A interpretação do mundo a partir dos conflitos e assimetrias de poder desenvolvida em um período durante/posterior à disciplina foi o motivo que fez emergir a subcategoria C12 - Durante/após a intervenção. Isabel relatou que as discussões em sala ajudaram a compreender que o marido possuía alguns preconceitos. A fala mostrou isso:

“Marcou... as discussões levantadas em sala de aula, aí quando eu vejo algum tipo de preconceito já fico atenta e já vou intervindo de algum modo, viu, porque antes eu ficava na minha – eu vejo até meu marido... em relação a alguns preconceitos... em relação a religião, questão de é... homofobia é... E assim eu tô tentando ter algum diaáogo, pra tentar ir abrandando esse preconceito...”

Outra visão influenciada foi a de Lara, que afirmou passar a refletir sobre os próprios preconceitos:

Porque, por mais que não tinha aquela coisa – “eu sou preconceituosa, eu sou homofóbica”, mas eu ficava pensando assim “ah.. eu aceito, mas é estranho eu ver o homem... o homem se beijando... quando passa uma mulher com mulher se beijando”. Isso... eu achava estranho e com a disciplina me ajudou repensar bastante...

A estudante Clara mereceu destaque nessa subcategoria devido às reflexões elaboradas sobre o tema e a sua capacidade de transformação. Raquel, Clara e Renata foram sorteadas para fazer o trabalho final sobre sexualidade e LGBT-fobias. Naquele momento, Raquel pediu para trocar de grupo. Fazer um trabalho sobre o tema se tornou demais para ela. Clara aceitou falar sobre o tema e a estudante relatou as diversas tentativas de impedi-la, tanto por parte de Raquel que em todo momento posicionava-se com um discurso de resistência fora do ambiente de sala, quanto de sua igreja.

Apesar disso, a estudante decidiu fazer o trabalho final do curso e elaborou uma exposição com fotos que retratam a homofobia e um questionário:

Muitos que responderam foram homossexuais... 50% foram eles... Então assim, eu tive um impacto muito grande... porque uns dizem ‘eu não queria ser dessa forma, eu não queria ser assim’... ‘eu não sou doente’, outros falavam ‘até hoje eu sinto preconceito da minha família, na sociedade, na escola’... então foi uma coisa que chamou muito a atenção da gente... porque a gente descobriu que a homossexualidade não é nem uma doença nem uma opção... ela é uma ORIENTAÇÃO. Aí o que a gente fez... A primeira pergunta foi: ‘você aceita a homossexualidade?’... muitas pessoas disseram que não, porque a homossexualidade... pra eles, é como se fosse uma doença...

Quando o professor durante uma das aulas da disciplina questionou “o que vocês acham dessas pessoas que responderam isso?” Clara respondeu:

Pra mim, opção é se eu conseguisse mudar... eu mudei do curso de Física pra Química... isso foi uma opção... O homossexual não tem essa opção. Nem o heterossexual... [...] Aí... a outra questão que a gente perguntou ‘você considera a homossexualidade normal?’ Aí muita gente perguntou ‘o que é isso? O que diferencia homossexualidade de homossexualismo?’... Aí eu

falava que o ismo significa doença... mas não é! É uma orientação e que as pesquisas não comprovaram ainda se é genético, mas muitos pesquisadores afirmam isso... Aí a gente perguntou ‘você conhece um caso de homossexualidade na sua comunidade?’ E teve gente que falou assim: ‘eu conheço um sem vergonha lá’... outros já falaram ‘ele não é sem vergonha, é orientação’... e eu achei bonito isso... um defendeu o outro.

Em seguida, o professor indagou: “Por que vocês acham que as pessoas não têm coragem de afirmar a orientação?”

E Clara: “Acho que por receio... coisa de preconceito... eles sofrem tanto preconceito... preconceito dentro da família, na sociedade, na escola... aí muitos ficam com vergonha...até eu fiquei chocada com isso. Porque eu não sabia”.

Foi possível perceber a reflexão da estudante Clara sobre o tema. A partir da conversa com estudantes e servidores homossexuais, ela reelaborou suas ideias sobre sexualidade de maneira que em sua entrevista a estudante mostra uma mudança em sua vida. Ao falar sobre amizades:

Professor, eu fiz tanta amizade legal com gente lá da minha cidade... gente que eu não gostava. [...] Eu era besta ... não tinha tanta amizade... porque os meus amigos, antes, era igual eu né... hoje eu tenho amigo que chega lá em casa, me ajuda a arrumar a casa... a gente conversa, é tão bom! E antes eu não gostava desse pessoal... E ficam falando ‘que crente é essa?’ E eu digo: eu acredito em Deus, mas acredito também nas pessoas.

No trecho citado a aluna afirmou ter criado novas amizades, pessoas com as quais anteriormente não estaria aberta a se relacionar. Outro ponto importante da entrevista de Clara e que reforçou a sua presença nessa subcategoria é a sua mudança de igreja. A estudante declarou que, após um desentendimento com o pastor durante a época do trabalho, migrou para uma igreja mais aberta para tais temas:

Como eu participava do grupo da jovem senhoras... ele me proibiu de participar daquele grupo. Eu fiquei muito triste, eu falei com o pastor e falei que no início eu não queria fazer o trabalho... na verdade eu tava iniciando o processo do trabalho. Até cheguei a falar pro senhor que eu achava um tema muito difícil, que era um tema muito polêmico e tal. E que ia além dos meus princípios... mas... graças a deus deu tudo certo, né. Como ele me proibiu eu acabei mudando de religião. Não de religião, né, mas de igreja. Fui pra uma igreja que me recebeu... uma pessoa como eu sou. Fiquei triste porque eu gostava muito de lá... eu gostava das jovens senhoras, eu gostava da igreja, mas eu percebi que as pessoas amavam a sua aparência e não o que tava dentro de você...

## **Transformações**

Algumas das experiências anteriores proporcionaram uma visão de mundo mais progressista para o tema sexualidades – participação em movimentos sociais e histórias de vida. As pessoas que possuem essa visão prévia colaboraram como co-formadores, ajudando outros estudantes a construir suas visões de mundo nas quais percebem-se as assimetrias de poder existentes entre grupos pertencentes a sexualidades não hegemônicas e hegemônicas. O curso contribuiu para possibilitar discussões e transformações, mesmo que em escala micro, significativas na vida de cada participante. Porém, houve processos de resistência que se deram em âmbitos externos ao curso – pressão de colegas de universidade, pressão da igreja, dos pais, etc. As experiências de Lara, Isabel e Clara na disciplina, traduzidas pelas palavras em sala e nas entrevistas, deram ênfase à nossa investigação e se configuraram em um primeiro passo na construção do professor como Agente Sociocultural e Político – : a construção de uma leitura de mundo que possibilite compreender a existência de assimetrias de poder. Assim, essas falas consolidaram o que buscávamos com nossa intervenção – processos de transformação.

A ascensão e organização de deputados conservadores religiosos e a ascensão dos movimentos LGBT que à época dessa pesquisa reivindicavam seus direitos fez com que esse tema, entre todos, fosse o mais controverso. Entretanto, acreditamos que ser Agente Sociocultural e Político requer posicionamento a favor de um grupo posto à margem da sociedade por não possuir uma sexualidade dentro dos padrões hegemônicos (Cis-heteronormativa). Ser Agente Sociocultural e Político necessita reflexão sobre as violações de Direitos Humanos sofridas – violências simbólicas e físicas – pelos LGBT no mundo e principalmente no Brasil. Esse ato de tomar consciência e partido foi percebido desde a primeira aula em algumas estudantes exemplificadas nas falas de Ana, Ângela, Rafaela. Essas estudantes atuaram como co-formadoras em sala – e acredito que também fora de sala, aonde o professor não chega – reforçando discursos do professor com os colegas em busca de uma sensibilização, sobre a questão dos LGBT.

Lara e Isabel destacaram a construção de novas visões de mundo sobre o tema, mas ainda de maneira incipiente, e Clara destacou-se pelo engajamento com o trabalho final da disciplina e a vontade de transformação.

## Referências

- BORRILLO, D. A especificidade da homofobia. **Revista escrita da história**. v.1, n.1, 2014.
- BONFIM, C. R de S. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- CANAU, V. M.; PAULO, I. ANDRADE, M.; LUCINDA, M. C.; SCAVINO, S.; AMORIN, V. **Educação em Direitos Humanos e Formação de professores**. São Paulo, Editora Cortez, 2013, 232p.
- FERRARI, A. Experiência homossexual no contexto escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n 1. p. 101-116, 2014.
- GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: decepções de aluno e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 1. pp 103-111. 2017.
- JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, v.1, n.1, 2007
- \_\_\_\_\_. Escola, Homofobia e Heteronormatividade. **Coletiva**, 2016. <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/escola-homofobia-e-heteronormatividade> /> Acesso em: maio de 2018.
- \_\_\_\_\_. A homofobia não é uma problema. Aqui não há gays nem lésbicas! Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, p. 123-139, 2010
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.35-82.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 328p.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

OLIVEIRA, R.D.V.L.; QUEIROZ, G. R. P.C. A formação de professores de ciências a partir de uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos: uma pesquisa-ação. Ciênc. educ. (Bauru) [online]. 2018, vol.24, n.2, pp.355-373.

THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

YOSHINO, K. **Covering**, the hidden assault on our civil rights. Random House Trade Paperback Edition, New York, 2007, 270p.